

Livro Aberto: Os livros da vida do defensor público Gustavo Junqueira

Spacca

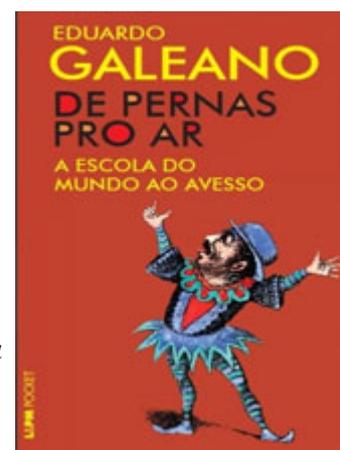


Professor é aquele que traz fé, esperança. É pensando assim que o defensor público **Gustavo Junqueira** dá aulas. Para concretizar essa ideia, ele não se limita a passar dados e informações. Ele costuma indicar aos alunos o que o faz chorar, oferece palestra que incomodam e sempre lembra que, além de ser uma ciência, Direito trata de gente, e gente não é só razão. Nos livros, ele prefere os teóricos de Direito Penal, como se de romance e aventura já bastasse a realidade que escolheu ter contato.

"Meu livro de cabeceira é sempre um que me mantenha indignado", diz. Um dos que leu recentemente foi *A Sociedade do Risco*, de **Ulrich Beck**, mas gosta muito das obras do uruguaio **Eduardo Galeano**, de quem já leu *O Livro dos Abraços*, *As Veias Abertas da América Latina* e *De pernas pro ar — a escola do mundo ao avesso*.

Além de dar aulas na PUC-SP, Junqueira é professor da Escola Paulista do Ministério Público e da Escola Paulista de Direito, e professor convidado da Academia de Polícia de São Paulo. Doutor e mestre em Direito das Relações Sociais pela PUC-SP e especialista em Direito Penal pela Universidade de Salamanca (Espanha).

Quando não tem livro por perto, aproveita a facilidade que tem para decorar textos e declama poesias que sabe de cor: *Ausência*, *Ternura* e *Coisa Mais Linda*, de **Vinicius de Moares**, *Esta Vida*, de **Guilherme de Almeida**, *O Adeus de Teresa*, de **Castro Alves**, e *As Máscaras*, de **Menotti Del Piccia** são algumas. Esta última, conta, é a discussão entre o pierrô e o arlequim sobre quem deve ficar com a colombina. Uma conversa sobre amor carnal e platônico em um poema longo "com figuras maravilhosas e um ritmo muito gostoso". Ele cita a imagem "a voz de uma flor".



De **Cecília Meireles**, **Manuel du Bocage**, **Augusto dos Anjos** e **Álvares de Azevedo** ele também gosta bastante. De **Carlos Drummond de Andrade** prefere a crônica à poesia, e não gosta muito dos poetas modernos. Adora **Fernando Pessoa**, em especial *Tabacaria* (Não sou nada / Nunca serei nada / Não posso querer ser nada / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo) e a tradução feita pelo poeta de *O Corvo*, de **Edgard Allan Poe**, autor que também admira.

Para alunos que querem aprender a falar em público, recomenda a leitura de Castro Alves ao espelho. A entonação, que também reconhece em *O Corvo*, com certo ritmo e peso, diz ajudar na oratória.

No Direito, indica *Tratado de Direito Penal*, de **Eugenio Zaffaroni**, especialmente a primeira parte, que

diz ser uma leitura emocionante. Aos alunos mais interessados, o professor indica as obras *Aproximação ao Direito Penal Contemporâneo*, de **Jesús-María Silva Sánchez**; *Problemas Fundamentais de Direito Penal*, de **Claus Roxin**; e *Sociedade, Norma e Pessoa*, de **Gunther Jakobs**. Segundo ele, estes livros traçam três caminhos do Direito Penal. O que ele escolheu está entre Sánchez e Roxin. "Jakobs é interessante ler para refletir, até que ponto ele não está certo, embora nós não queiramos que ele esteja. Sua versão é muito cruel." Cada aluno escolhe o seu próprio caminho.

Na sala de aula, exige a leitura *Dos Delitos e Das Penas*, de **Cesare Beccaria**, *Vigiar e Punir*, de **Michel Foucault**, e *Criminologia da Reação Social*, de **Lola Aniyar de Castro**. Ele conta que este último o fez chorar numa piscina de clube, ao mostrar "o quanto somos pecinhas inconscientes de um grande jogo de dominação. Ela fala o tempo todo do Direito Penal como dominação, com uma clareza e crueza que realmente emociona".

É difícil tirar do defensor público alguma indicação de obra não jurídica. Quase jurídica, talvez: *Crime e Castigo*, do russo **Fiódor Dostoiévski**, e *Os Miseráveis*, do escritor francês **Victor Hugo**. *J'accuse*, de **Émile Zola**, foi uma leitura recente que passou a sugerir aos "alunos mais acusatórios".

Além de **John Locke**, **Thomas Hobbes**, e **Norberto Bobbio**, o professor gosta de *Desobediência Civil*, do **Henry David Thoreau**, e *Discurso da Servidão Voluntária*, de **Etienne de La Boetie**. De **Jean-Jaques Rousseau** diz que o melhor é *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens*.



Recentemente o professor leu *Memórias de um Sobrevivente*, de **Luiz Alberto Mendes**, autor que leva para dar palestra aos seus alunos "para mostrar quão difícil é classificar pessoas". Em suas memórias, escritas na prisão quando cumpria pena por diversos crimes, dentre eles homicídio, Mendes foge das explicações óbvias e da vitimização: nem as dificuldades materiais nem a brutalidade familiar sofrida na infância servem de justificativa.

Primeiros versos

Influenciado pela avó, desde criança, Junqueira sempre gostou muito de poesia. Ela lia para ele poemas como *I Juca Pirama*, de **Gonçalves Dias**, e *Navio Negreiro*, de **Castro Alves**. Com oito anos de idade recitava as dez primeiras estrofes de *Vozes d'África*, também de Castro Alves, em toda comemoração da abolição da escravatura do colégio. "Eu tinha decorado, mas o que eu tinha entendido daquilo? Quase nada. Achava que Prometeu, do verso 'Qual Prometeu tu me amarraste um dia' vinha do verbo prometer."

Na adolescência lia muita poesia nacional: **Menotti Del Picchia, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida**. Além de tentar fazer poemas, como muitos adolescentes, Junqueira chegou até a ganhar alguns concursos em Araraquara, com temas líricos e de protesto.

Da mesma avó que influenciou o lado poético, ganhou uma coleção completa de **William Shakespeare**. Na adolescência também leu *Os Três Mosqueteiros*, e sempre foi viciado em *Sherlock Holmes* — tem quatro coleções diferentes do personagem.

Seguindo sua geração, acompanhou a moda das obras de **Alvin Toffler**, e leu *A Terceira Onda* e *O Choque do Futuro*. No colegial leu *As Veias Abertas da América Latina*, de Galeano. "Me deixou meio com a pulga atrás da orelha, você fica meio revoltado depois de ler."

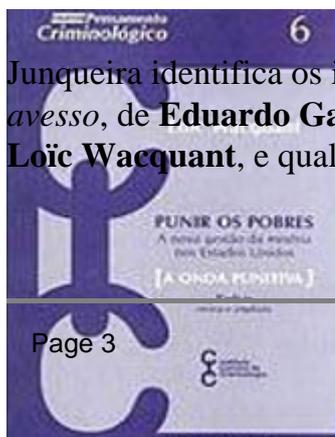
O pai Gustavo Junqueira incentiva e se orgulha do gosto pela leitura dos filhos. A mais velha, de sete anos vai ler nessas férias *O Pequeno Príncipe*, que acabou de ganhar de presente do pai. A mãe de Junqueira guardou os livros que o filho lia quando criança e os deu para a neta. Obras como *Fernão Campelo Gaiivota*, *O Cachorrinho Samba*, e *O Escaravelho do Diabo* já foram lidos pela pequena.

Carreira

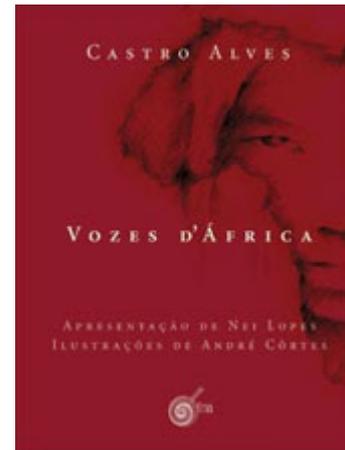
Natural de Araraquara, Junqueira cursou Direito na PUC-Campinas e foi estagiário na Procuradoria de Assistência Judiciária Criminal, futura Defensoria Pública. É neto e filho de advogado, e marido de advogada. Apesar disso, ainda na faculdade começou a estudar para o concurso da Procuradoria e com 23 anos tomou posse.

"A primeira pessoa que tirei da prisão em audiência parecia que eu tinha marcado gol. A família veio correndo me abraçar. Não tem coisa que o valha." A sensação, que ele lembra ter presenciado pela primeira vez ao assistir um dos júris do avô — seu ídolo —, Junqueira diz conseguir renovar em cada atendimento na Defensoria.

Por oito anos atuou como procurador do Estado em Jundiaí, e em 2006, quando os procuradores optaram entre atuar na recém-criada Defensoria Pública ou continuar na Procuradoria do Estado, foi um dos 87, dos 900 procuradores, que optou por aquela. Ele conta que não esperava que o órgão fosse ser o que é hoje. "Ainda temos muito o que fazer, a Defensoria ainda não chega perto de cumprir sua função, mas consegue irradiar, comunicar muito. Foi surpreendente."



Junqueira identifica os ideais da Defensoria Pública nas obras *De pernas pro ar — a escola do mundo ao avesso*, de **Eduardo Galeano**, *Punir os pobres — a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*, de **Loïc Wacquant**, e qualquer leitura sobre humanismo. Nesse sentido, explica que o mote da instituição,





talvez utópico — na concepção de Galeano: utopia para fazer caminhar — é de que seja um instrumento de transformação social.

Dentre outros, o defensor público é autor do livro *Finalidades da Pena*, que está atualmente esgotado e desatualizado, e *Legislação Penal Especial*.

No doutorado, que concluiu há um ano e meio, trabalhou com a ideia da interferência das condições sociais no exame da culpabilidade. Em sua tese "apaixonante", que ainda não foi publicada, demonstrou que desde quando a ideia de reprovação começou a se desenvolver no início do século passado já era estudado que o exame das condições sociais deve fazer parte da culpabilidade. "No Direito Penal partimos de premissa de que todos têm igual capacidade de compreender o meu e seu, o que é absurdo. A sociologia, psicologia, antropologia dizem que não é assim."

Tela

No cinema, o professor gosta do clássico *Casablanca*, de *A onda* e *Cidadão Boilesen*. Como não podia deixar de ser, sobre Direito, recomenda efusivamente *O Grande Desafio*. No final apoteótico, na argumentação é citado *Desobediência Civil*, de Thoreau. "O argumento perfeito", considera. Também recomenda os documentários *A Casa dos Mortos*, *Bagatela*, *Justiça*, *Assassinato em primeiro grau*, e *Inspeção geral*.

Date Created

28/07/2011